

XXXV

CULTO DOMÉSTICO

Nas primeiras horas da noite, Dona Isabel abandonou a agulha e convidou os filhinhos para o culto doméstico.

Notando o interesse que me despertavam as crianças, Aniceto explicou:

— As meninas são entidades amigas de “Nosso Lar”, que vieram para serviço espiritual e resgate necessário, na Terra. O mesmo, porém, não acontece ao pequeno, que procede de região inferior.

De fato, eu identificava perfeitamente a situação. O rapazola não se revestia de substância luminosa e atendia ao convite materno, não como quem se alegra, mas como quem obedece.

Com tamanha naturalidade se sentaram todos em torno da mesa, que compreendi a antiguidade daquele abençoado costume familiar. A filha mais velha, que atendia por Joanninha, trazia cadernos de anotações e recortes de jornais.

A viúva sentou-se na direção e, após meditar breves instantes, recomendou à pequena Neli de nove anos, fizesse a oração inicial do culto, pedindo a Jesus o esclarecimento espiritual.

Todos os trabalhadores invisíveis sentaram-se, respeitosos. Isidoro e alguns companheiros mais íntimos do casal permaneceram ao lado de Dona Isabel, sendo quase todos vistos e ouvidos por ela.

Tão logo começou aquêle serviço espiritual da família, as luzes ambientes se tornaram muito mais intensas.

Profunda sensação de paz envolvia-me o coração.

A pequena Neli, em voz comovente, fez a prece:

— Senhor, seja feita a vossa vontade, assim na Terra como nos Céus. Se está em vosso santo designio que recebamos mais luz, permiti, Senhor, tenhamos bastante compreensão no trabalho evangélico! Dai-nos o pão da alma, a água da vida eterna! Sêde em nossos corações, agora e sempre. Assim seja!...

Dona Isabel pediu à filha mais velha lesse uma página instrutiva e consoladora e, em seguida, algum fato interessante do noticiário comum, ao que Joanninha atendeu, lendo pequeno capítulo de um livro doutrinário sobre a irreflexão, e um episódio triste de jornal leigo. A primogênita de Isidoro, que revelava muita doçura e afabilidade, parecia impressionada. Tratava-se de uma jovem de bairro distante, vítima de suicídio doloroso. O repórter gravara a cena com característicos muito fortes. A leitora estava trêmula, sensibilizada.

Assim que Joanninha terminou, Dona Isabel abriu o Novo Testamento, como se estivesse procedendo ao acaso, mas, em verdade, eu via que Isidoro, do nosso plano, intervinha na operação, ajudando a focalizar o assunto da noite. A seguir, fixou o olhar na página pequenina e falou:

— A mensagem-versículo de hoje, meus filhos, está no Capítulo 13 do Evangelho de São Mateus.

E lendo o versículo 31, fê-lo em voz alta:

— “Outra parábola lhes propôs, dizendo: — O Reino dos Céus é semelhante ao grão de mostarda que o homem tomou e semeou no seu campo.”

Observei, então, um fenômeno curioso. Um amigo espiritual, que reconheci de nobilíssima condição pelas vestes resplandecentes, colocou a destra sobre a fronte da generosa viúva.

Antes que lhe perguntasse, Aniceto explicou em voz quase imperceptível:

— Aquêle é o nosso irmão Fábio Aleto, que

vai dar a interpretação espiritual do texto lido. Os que estiverem nas mesmas condições dêle, poderão *ouvir-lhe os pensamentos*; mas, os que estiverem em zona mental inferior, receberão os valores interpretativos, como acontece entre os encarnados, isto é, teremos a luz espiritual do verbo de Fábio na tradução do verbo materializado de Isabel.

Nosso mentor não poderia ser mais explícito. Em poucas palavras fornecera-me a súpula da extensa lição.

Notei que a viúva de Isidoro entrara em profunda concentração por alguns momentos, como se estivesse absorvendo a luz que a rodeava. Em seguida, revelando extraordinária firmeza no olhar, iniciou o comentário:

— “Lemos hoje, meus filhos, uma página sobre a irreflexão e a notícia de um suicídio em tristíssimas circunstâncias. Afirmo o jornal que a jovem suicida se matou por excessivo amor; entretanto, pelo que vimos aprendendo, estamos certos de que ninguém comete erros por amar verdadeiramente. Os que amam, de fato, são cultivadores da vida e nunca espalham a morte. A pobrezinha estava doente, perturbada, irrefletida. Entregou-se à paixão que confunde o raciocínio e rebaixa o sentimento. E nós sabemos que, da paixão ao sofrimento, ou à morte, não é longa a distância. Lembremos, todavia, essa amiga desconhecida, com um pensamento de simpatia fraternal. Que Jesus a proteja nos caminhos novos. Não estamos examinando um ato, que ao Senhor compete julgar, mas um fato, de cuja expressão devemos extrair o ensinamento justo.

A mensagem evangélica desta noite assevera, pela palavra do nosso Divino Mestre aos discípulos, que o reino dos céus é também “semelhante ao grão de mostarda que o homem tomou e semeou no seu coração”. Devemos ver, neste passo, meus filhos, a lição das coisas mínimas. A esfera carnal onde vivemos está repleta de irreflexões de toda

sorte. Raras criaturas começam a refletir seriamente na vida e nos deveres, antes do leito da morte física. Não devemos fixar o pensamento tão só nessa jovem que se suicidou em condições tão dramáticas, ao nos referirmos aos ensinamentos de agora. Há homens e mulheres, com maiores responsabilidades, em todos os bairros, que evidenciam paixões nefastas e destruidoras no campo dos sentimentos, dos negócios, das relações sociais. As mentes desequilibradas pela irreflexão permanecem, neste mundo, quase por toda parte. E' que nos temos descuidado das coisas pequeninas. Grande é o oceano, minúscula é a gota, mas o oceano não é senão a massa das gotas reunidas. Fala-nos o Mestre, em divino simbolismo, da semente de mostarda. Recordemos que o campo do nosso coração está cheio de ervas espinhosas, demorando, talvez, há muitos séculos, em terrível esterilidade. Naturalmente, não deveremos esperar colheitas milagrosas. E' indispensável amanhãr a terra e cuidar do plantio. A semente de mostarda, a que se refere Jesus, constitui o gesto, a palavra, o pensamento da criatura. Há muitas pessoas que falam bastante em humildade, mas nunca revelam um gesto de obediência. Jamais realizaremos a bondade, sem começarmos a ser bons. Alguma coisa pequenina há de ser feita, antes de edificarmos as grandes coisas. O Senhor ensinou, muitas vezes, que o reino dos céus está dentro de nós. Ora, é portanto em nós mesmos que devemos desenvolver o trabalho máximo de realização divina, sem o que não passaremos de grandes irrefletidos. A floresta também começou de sementes minúsculas. E nós, espiritualmente falando, temos vivido em densa floresta de males, criados por nós mesmos, em razão da invigilância na escolha de sementes espirituais. A palestra de uma hora, o pensamento de um dia, o gesto de um momento, podem representar muito em nossas vidas. Tenhamos cuidado com as coisas pequeninas e selecionemos os grãos de mostarda do reino dos céus.

Lembremos que Jesus nada ensinou em vão. Toda vez que "pegarmos" dêsses grãos, consoante a Palavra Divina, semeando-os no campo íntimo, receberemos do Senhor todo o auxílio necessário. Conceder-nos-á a chuva das bênçãos, o sol do amor eterno, a vitalidade sublime da esfera superior. Nossa sementeira crescerá e, em breve tempo, atingiremos elevadas edificações. Aprendamos, meus filhos, a ciência de começar, lembrando a bondade de Jesus a cada instante. O Mestre não nos desampara, segue-nos amorosamente, inspira-nos o coração. Tenhamos, sobretudo, confiança e alegria!"

Reparei que Fábio retirou a mão da fronte da viúva e observei que ela entrava a meditar, como quem sentira o afastamento da idéia em curso.

Havia grande comoção na assembléia invisível às crianças que, por sua vez, também pareciam impressionadas.

Dona Isabel voltou a contemplar os filhos, maternalmente, e falou:

— Procuremos, agora, conversar um pouco.

XXXVI

MÃE E FILHOS

No comentário evangélico, eu recolhia observações interessantes. Tal como no caso de Ismália, quando lhe ouvíamos a sublime melodia, a interpretação de Fábio estava cheia de maravilhas espirituais, que transcendiam à capacidade receptiva de Dona Isabel. A viúva de Isidoro parecia deter tão somente uma parte.

Dêsse modo, as crianças recebiam a lição de acôrdo com as possibilidades mediúnicas da palavra materna, enquanto que a nós outros se propinava o ensinamento com maravilhoso conteúdo de beleza.

Sempre solícito, o instrutor esclareceu:

— Não se admirem do fenómeno! cada qual receberá a luz espiritual conforme a própria capacidade. Há muitos companheiros nossos, aqui reunidos, que registam o comentário de Fábio com mais dificuldade que as próprias crianças. Experimentam, ainda, grandes limitações.

Havia grande respeito em todos os desencarnados presentes.

Fábio Aletto sentou-se em plano superior, ao passo que Isidoro se acomodava junto da esposa, no impulso afetivo do pai que se aproxima, solícito, para a conversação carinhosa com os filhos bem-amados.

Nesse instante, a pequenina Marieta, que parecia haver atingido os sete anos, aproveitando o momento de palavra livre, perguntou à mãezinha, em tom comovedor: